

Natalia Czopek

Universidade Jaguelónica  
de Cracóvia



# Crioulos de base portuguesa de Cabo Verde e de Ziguinchor (Senegal): estudo contrastivo

Com este trabalho, pretendemos dar um contributo para o estudo contrastivo entre dois crioulos de base portuguesa: o crioulo de Cabo Verde e o de Ziguinchor, a capital da região senegalesa de Casamansa. Neste contexto, procuraremos apresentar uma breve descrição da sua génese e evolução, indicando as convergências e as possíveis razões das diferenças, também a nível social e político, que se podem observar na atualidade. O eixo principal da nossa análise será, no entanto, uma comparação dos traços morfossintáticos, lexicais e ortográficos dos dois crioulos, tendo por base a teoria existente sobre a sua proximidade genética. Com o objetivo de podermos observar os exemplos analisados em contextos analógicos, escolhemos como *corpus* as respetivas traduções da obra de Antoine de Saint-Exupéry, *Le Petit Prince* (port. *O Príncipezinho* / bras. *O Pequeno Príncipe*)<sup>1</sup>. Na primeira parte do nosso trabalho, dedicada às observações de natureza histórica, social e tipológica, concentrar-nos-emos sobretudo no Senegal, já que alguns dos nossos trabalhos anteriores contêm descrições detalhadas sobre a situação atual do crioulo cabo-verdiano<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Edição em crioulo cabo-verdiano *Prispinhu* (trad. Nicolas Quint, Aires Semedo), de 2013, e em crioulo de Casamansa *Rey Siñu* (trad. Nicolas Quint, Joseph Jean François Nunez), de 2015. Cf. a bibliografia.

<sup>2</sup> Trata-se, por exemplo, dos seguintes trabalhos: Czopek 2007, 2016a, 2016b, 2017.

## 1. Contexto histórico-social

O crioulo falado na cidade e na província de Ziguinchor (sul do Senegal, cidades como: Sindone, Niaguis, Fanda, Adéane, Kougnoundou, Djifanghor, Agniak), atualmente com uns 50 mil falantes, é do mesmo tipo que o da Guiné-Bissau (Cacheu, o primeiro estabelecimento português da região), mas com vários termos crioualizados do francês, sendo inteligível, no entanto, também para os falantes do crioulo cabo-verdiano. Designado como *kriyol* ou *lingu kristorj*, desempenha o papel de língua veicular, sem ter estatuto de língua oficial nem de língua de escolarização pública. É notável a sua posição inferior no sistema linguístico do país e o perigo de se tornar uma língua em vias de extinção; ainda se podem encontrar, porém, casos do seu uso, por exemplo em catecismos cristãos (Biagui 2010: s/p).

Este crioulo é um dos resultados dos contactos dos povos indígenas com os portugueses, entre os séculos XV e XIX, que favoreceram a mestiçagem, também linguística. A região antigamente designada como Senegâmbia foi a primeira zona da África Negra a estabelecer contactos marítimos com os povos europeus. Em 1445, Dinis Dias chegou ao território mais tarde denominado Casamansa, isto é ‘rei do rio dos Cassangas’, mas alguns historiadores defendem que a região foi “descoberta” em 1446, quando António de Nolle e Luís de Cadamosto, por ordem do Infante Dom Henrique, percorreram a costa do rio Geba<sup>3</sup>. Nesse mesmo ano, os portugueses, concentrando-se no comércio ao longo da costa, sem penetrarem muito o interior da zona, chegaram até à atual Guiné-Bissau. Em 1588, foi fundada Cacheu cujo objetivo era assegurar o monopólio comercial de Portugal na zona. Esta primeira fortificação portuguesa, juntamente com Casamansa, que na altura era colónia portuguesa, dependia administrativamente de Cabo Verde.

Nos finais do século XVI, todos os portos mais importantes contavam com mestiços afro-portugueses que se identificavam com a cultura europeia (Curtin et alli 2003: 272–276). O comércio nas regiões do Senegal, da Gâmbia e Alta Guiné, no século XVII, era controlado principalmente pelos judeus portugueses que provavelmente utilizavam “Jewish Trading Latin que podia muito bem ser considerado um grau preliminar da Língua Franca ou mais tarde do português crioulo” (Perl 1982: 8). Na mesma zona, instalavam-se os chamados lançados ou tangomais: portugueses ou, mais tarde, estrangeiros que adaptaram a sua fala, cultura e religião, vivendo no meio dos africanos, servindo de intermediários entre eles e os comerciantes europeus e trabalhando, na maioria dos casos, de forma ile-

---

<sup>3</sup> Cf. <http://ncultura.pt/casamansa-a-ex-colonia-portuguesa-que-luta-pela-independencia/> (25.02.2016). A crioualização é um dos fenómenos relacionados com o contacto de línguas (ao lado de pidginização, empréstimo, mudança linguística, diglossia, code-switching e code-mixing).

gal<sup>4</sup>. Das suas relações com mulheres africanas, as chamadas tangomas, nasciam os filhos da terra (mestiços, mulatos, crioulos) que se tornavam “menos portugueses” a cada geração, mantendo, no entanto, um português crioulo como língua materna. Além dos *tangomas*, o comércio era exercido pelos chamados *grumetes*, indígenas cristãos que mantinham a sua identidade étnica e contactos fortes com os europeus, auxiliando-os na comunicação com a população local (Hlibowicka-Węglarz 2013: 98). Nesta comunicação, os portugueses utilizavam provavelmente um português simplificado, tornando-se assim o lado produtivo do processo de pidginização. Os indígenas reproduziam o que ouviam constituindo o lado recetivo do mesmo processo (Honório do Couto 1992: 110–112)<sup>5</sup>. Essa realidade das fortificações portuguesas, as chamadas praças, correspondia numa certa forma à das ilhas, nesse caso entendidas como terrenos isolados no interior do continente, propiciando o mesmo tipo de mudanças linguísticas (Pereira 2006: 69).

Ziguinchor<sup>6</sup>, a capital da província senegalesa de Casamansa, manteve-se aliada dos portugueses durante muitos anos, tendo sido fundada em 1645 como uma feitoria subordinada à capitania de Cacheu e estabelecida para intensificar o comércio de escravos com o Império Gabu<sup>7</sup>. O Rei do Senegal vivia à moda europeia e na sua corte habitavam muitos comerciantes portugueses. A população era constituída pelos *fijus di terra*, descendentes dos portugueses e mulheres Diola, que ainda hoje mantêm apelidos portugueses, e pelos chamados *fijus di fidalgo*, a aristocracia de Ziguinchor. Os *fijus di terra* distinguiram-se dos outros grupos étnicos pela religião católica e pelos hábitos europeus. O crioulo usado por eles, por ser a língua franca da zona, era aprendido pelos representantes das etnias que comerciavam com os habitantes da província de Casamansa e era usado na liturgia pelos missionários cristãos. De acordo com Alexandre (1972), o vocabulário era, na grande maioria, português<sup>8</sup>, mostrando

---

<sup>4</sup> Cf. Soares (1996: 21): “Simples aventureiros, renegados e amadores, mareantes, comerciantes de baixa condição, na mira do enriquecimento, escravos forros, mestiços, judeus ou cristãos novos que procuravam escapar-se às fortes malhas da Inquisição, os lançados constituíram-se como núcleos de fora da lei que escolhiam viver às margens das regras sociais, legais e religiosas da sua civilização de origem, integrando-se entre os negros”.

<sup>5</sup> O autor defende a tese de esses participantes no comércio ilegal terem sido os verdadeiros agentes do processo da formação dos crioulos e os colonizadores oficiais e escravos negros apenas elementos secundários. Cf. também Hlibowicka-Węglarz (2016: 276).

<sup>6</sup> De acordo com algumas hipóteses discutíveis, o nome da cidade origina na expressão portuguesa ‘cheguei e choram’, porque os nativos pensavam que os portugueses os vinham escravizar; ou é corruptela do nome de uma das tribos da zona, os Izguinchos.

<sup>7</sup> Cf. <http://ncultura.pt/casamansa-a-ex-colonia-portuguesa-que-luta-pela-independencia/> (25.02.2016). O Império englobava Casamansa, a Guiné Bissau e a Gâmbia.

<sup>8</sup> Muitos exemplos de vocábulos de origem portuguesa no crioulo de Casamansa podem ser consultados em Rougé (2004: 371–385).

a morfossintaxe e a fonologia influências das línguas africanas ocidentais (wolof, serer) e mande (mandinka). Nessa altura, o termo ‘lançado’ já estava em desuso, a palavra *grumete* passou a indicar um habitante extramuros e *tangoma* o feminino de *grumete*.

Após a Segunda Guerra Mundial, surgiu o Movimento das Forças Democráticas de Casamansa que mais tarde se tornou um movimento separatista devido a conflitos com o governo senegalês<sup>9</sup>. Graças a intensos contactos com a Guiné-Bissau, o elemento linguístico português constituía um fator de resistência cultural (Gonçalves 2006). Nos anos 50 do século XX, presenciou-se uma vaga de emigração do campo para a periferia de Ziguinchor e o crioulo fortaleceu a sua posição de língua interétnica e litúrgica, considerada capaz de unificar linguisticamente a região de Casamansa. Apesar de o Senegal ter passado a ser colónia francesa em 1886, ainda nos anos sessenta do século XX, 83% da população de Ziguinchor falavam o crioulo de base portuguesa e 71,4 % tinham-no como língua materna<sup>10</sup>. Durante a guerra colonial, muitos refugiados da Guiné-Bissau vieram para o Senegal, contribuindo para a proximidade linguística entre os dois crioulos. Depois da independência, deu-se primazia ao wolof, uma das línguas nativas da zona, o que provocou o declínio do crioulo de Ziguinchor cujos falantes começaram a ser discriminados pela maioria wolof, proveniente do norte. Criou-se uma situação de conflito linguístico na qual os usuários de uma língua minoritária se sentiam ameaçados pelos falantes da língua dominante. Contudo, os habitantes da capital de Casamansa conseguiram manter a sua identidade linguística e continuaram a ser conhecidos como *les portugais*, procurando separar-se administrativamente do Senegal, o que até agora não chegou a acontecer.

## 2. Contexto linguístico

As hipóteses sobre a origem dos crioulos despertam muita controvérsia. Desde os princípios das pesquisas crioulisticas, ou seja, desde o século XIX, têm-se formado várias teorias cujo objetivo era explicar o fenómeno de os crioulos terem mais convergências entre si do que com as respetivas línguas-base. De acordo com uma delas, a teoria de monogénese, todas essas formações linguísticas provêm provavelmente de um protopidgin comum ou um protocrioulo de base portuguesa formado ao longo da costa

---

<sup>9</sup> Mais informações sobre o conflito e sobre a situação política da região em Gonçalves (2006). Os documentos emitidos após a saída do Mali do bloco da Federação do Mali previam uma coligação de Casamansa com o Senegal durante duas décadas mas, em 1980, Leopold Senghor decidiu manter essa união (<http://ncultura.pt/casamansa-a-ex-colonia-portuguesa-que-luta-pela-independencia/>, 25.02.2016).

<sup>10</sup> Os franceses chegaram àquela zona em 1459 e andaram a tentar incluir Casamansa no seu domínio desde a Conferência de Berlim mas a região foi definitivamente cedida à França só em 1908.

da África Ocidental no século XV. Assim, a maioria dos crioulos do mundo teria raízes portuguesas, já que o português, como o idioma dos primeiros exploradores da costa africana e os principais comerciantes que também controlavam o tráfico de escravos, desempenhava o papel de língua franca nas principais rotas marítimas. Outras teorias, que se opõem aos princípios da monogénese, são as diversas versões da chamada poligénese, que distingue grupos de crioulos da mesma base, por exemplo, crioulos provenientes do pidgin português, do pidgin francês, etc.; e a chamada teoria universal (*Language Bioprogram Hypothesis*) que pressupõe a existência de uma gramática inata, universal para todos os seres humanos<sup>11</sup>.

Os crioulos de Ziguinchor, da Guiné-Bissau<sup>12</sup> e de Cabo Verde fazem parte do grupo africano ocidental da região da Alta Guiné. É o grupo mais antigo dos crioulos de base portuguesa. Os crioulos do Golfo da Guiné, outro grupo de base lexical portuguesa distinguido pelos linguistas, inclui o forro, o angolár, o lunguié (São Tomé e Príncipe) e o fa d'Ambô (ilha de Ano Bom).

Apesar de os três crioulos da Alta Guiné serem parecidos, as circunstâncias da sua formação eram diferentes. Tendo em conta os mencionados contactos nesta zona, os linguistas elaboraram hipóteses relacionadas com a sua origem, lugar de formação, línguas de substrato e superstrato e as influências mútuas. No processo de colonização da região, podem-se distinguir duas vertentes: a vertente não oficial, mais forte e melhor organizada, com os lançados, grumetes e as tangomas como protagonistas; e a vertente oficial, concentrada nas praças, nos presídios e nas tabancas, construídas pelos portugueses, e relacionada com o tráfico de escravos no marco do chamado comércio triangular (Hlibowicka-Węglarz 2013: 94-100). As duas vertentes observavam-se em Casamansa, ou seja, tinham influência na formação do crioulo de Ziguinchor. Cabo Verde, por sua vez, presenciou antes a vertente oficial, desempenhando, durante muito tempo, a função de entreposto comercial e de tráfico de escravos. Os dois territórios sempre mantiveram contactos em todos os níveis: administrativo, religioso e comercial. As migrações, dependentes das condições naturais, por exemplo dos frequentes períodos de seca em Cabo Verde, também eram um fenómeno comum. No entanto, costuma-se sublinhar que, no continente, a formação do crioulo foi resultado dos contactos apenas de alguns grupos sociais, concentrados à volta das praças e presídios portugueses, e não levou à eliminação das línguas nativas. Nas ilhas, por sua vez, já que eram territórios desabitados, formou-se uma

---

<sup>11</sup> Ver a descrição do ciclo vital pidgin-crioulo, das circunstâncias que favorecem a formação dos crioulos e das hipóteses sobre o seu aparecimento em Hlibowicka-Węglarz (2013: 17-77).

<sup>12</sup> Os três principais dialetos dos crioulos do Senegal e da Guiné-Bissau usam-se em Bissau e Bolama; Bafatá e Geba; e Cacheu, São Domingos e Ziguinchor. Mais informações sobre a situação linguística na Guiné-Bissau em Wilson (1962), Czopek (2012) e Hlibowicka-Węglarz (2016).

sociedade mista, composta, na maior parte, por escravos de diferentes zonas africanas que foram abandonando as suas línguas a favor de uma língua comum, o crioulo (Hlibowicka-Węglarz 2013: 104–105, 114).

De acordo com a hipótese cabo-verdiana, o crioulo pode ter-se formado nas ilhas e depois pode ter sido levado para o continente como ferramenta das relações comerciais. Segundo a hipótese contrária, a guineense, o crioulo ter-se-ia formado nas povoações mais antigas do continente, como Cacheu ou Ziguinchor, e, mais tarde, teria chegado às ilhas. A terceira hipótese, a guineense-cabo-verdiana, defende que os crioulos se teriam formado na mesma época, de maneira independente, seguindo o mesmo esquema do ciclo vital pidgin-crioulo (ou provindo do mesmo protocrioulo comum) e tendo, entre outras, as mesmas línguas de substrato e superstrato<sup>13</sup>. Nenhuma das hipóteses é satisfatória nem possui provas que não sejam suposições. A única coisa que se pode constatar, a título de resumo, é que o crioulo de Cabo Verde evoluiu para ser tratado como uma língua diferente e os da Guiné-Bissau (sobretudo o dialeto de Cacheu e São Domingos) e Casamansa costumam ser designados como variedades da mesma língua, das quais a segunda com mais influências do francês. Diferente é também o estatuto que têm nas respetivas realidades linguísticas (Hlibowicka-Węglarz 2013: 129, 193–194).

### 3. Análise dos exemplos do *corpus*

#### 3.1. Ortografia

Ao registar o texto no crioulo cabo-verdiano, aproveitou-se a escrita que segue as regras do ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano) cujo projeto foi elaborado em 1993 pelo recém-convocado grupo para a padronização. Neste sistema, cada som corresponde a um símbolo<sup>14</sup> e todas as letras são de base latina<sup>15</sup>. O ALUPEC originou controvérsia, por exemplo, relativamente à introdução de alguns grafemas, como o *k*, mas acabou por ser aprovado, a título experimental, em 1998, e em 2009, foi declarado o alfabeto oficial de Cabo Verde<sup>16</sup>.

<sup>13</sup> Mais sobre as referidas teorias em Hlibowicka-Węglarz (2013: 117–123).

<sup>14</sup> Cf. Swolkien (2015: 28): este objetivo nem sempre tem sido alcançável tomando em consideração as variedades regionais e a evolução natural da língua. Por isso, o projeto do ALUPEC inclui também a criação de dois alfabetos interdialetais para cada grupo de ilhas (Almada Duarte 2003: 169-181).

<sup>15</sup> 24 letras e 4 dígrafos: *a, b, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, ñ, o, p, r, s, t, u, v, x, y, z, dj, lh, nh, tx*. Cf. as regras ortográficas do ALUPEC em Delgado (2009: 343–366) e Veiga (2000a: 15–17).

<sup>16</sup> As principais vantagens do ALUPEC, evocadas sempre pelos seus defensores, são as seguintes: o facto de juntar os dois modelos, o etimológico e o fonológico, isto é, a economia e o fator histórico; o valor de biunivocidade conservado por maior parte dos pares fonema-grafema; planos de criar dois alfabetos interdialetais para cada

O crioulo de Ziguinchor mantém-se no dia-a-dia dos seus falantes basicamente na versão oral. Nas poucas tentativas do seu registo escrito, como no texto do nosso corpus, observa-se, entre outras características, uma série de analogias ao sistema cabo-verdiano. Este facto pode ser justificado por o alfabeto ser do mesmo tipo que o proposto para a Guiné-Bissau<sup>17</sup>, isto é, fonémico:

Fonema / acento	<i>Prispínhu</i> (Cabo Verde)	<i>Rey Siñu</i> (Ziguinchor)
[b/v]	<i>libru</i> <sup>18</sup> , <i>flába</i> , <i>bida</i> , <i>bibi</i> , <i>berifikába</i> , <i>fabor</i> , <i>bedju</i> , <i>ráiba</i> , <i>dibagár</i> , <i>debi</i> , <i>leba</i> , <i>sirbí</i> , <i>benba</i> , <i>bés</i> , <i>pobu</i> , <i>bistídu</i> , <i>próba</i> , <i>bira</i> , <i>burgónha</i> , <i>abizába</i> , <i>béntu</i> , <i>burmedju</i> , <i>berdi</i> , <i>párbu</i> , <i>baziu</i> , <i>bai</i> , <i>buá</i> , <i>nabiu</i> , <i>lebâ-u</i> , <i>trabesa</i>  <i>mas</i> : <i>grávata</i> , <i>avion</i> , <i>viáxi-li</i> , <i>vós</i> , <i>véra</i> , <i>grávi</i> , <i>vaidóza</i> , <i>vridu</i> , <i>vinti</i> , <i>gavéta</i> , <i>Vénus</i> , <i>nád'aver</i>	<i>libru</i> , <i>lebá</i> , <i>abiyon</i> , <i>bida</i> , <i>nobu</i> , <i>garbata</i> , <i>bardadi</i> , <i>bistimenti</i> , <i>bibu</i> , <i>bay</i> , <i>bej</i> , <i>bontadi</i> , <i>sirbí</i> , <i>burgoña</i> , <i>bentu</i> , <i>burmeju</i> , <i>nerbus</i> , <i>berdu</i> , <i>balor</i> , <i>palabras</i> , <i>lebi</i> , <i>sirbidor</i> , <i>fabor</i> , <i>beju</i> , <i>wobí</i> , <i>bistí</i> , <i>pubu</i> , <i>salbá</i> , <i>boltu</i> , <i>sikerbé</i> , <i>bapor</i> , <i>leb-elus</i> , <i>talbés</i> , <i>lebi</i> , <i>kaskabelus</i>
[dʒ]	<b>dígrafo dj</b> <i>midjor</i> , <i>odja</i> , <i>trabádju</i> , <i>djogu</i> , <i>djudá</i> , <i>bedju</i> , <i>dja</i> , <i>pádja</i> , <i>kebra-djundjun</i> , <i>djudá</i> , <i>djeu</i> , <i>barudju</i> , <i>rapodju</i> , <i>orédja</i> , <i>si kadjár</i> , <i>burmedju</i>	-
[ə]	<b>não se regista ou é substituído pelo i</b> <i>noti</i> , <i>pídi</i> , <i>kontenti</i> , <i>di</i> , <i>asteróidi</i> , <i>grándi</i> , <i>nómi</i> , <i>rialidádi</i> , <i>kiria</i> , <i>filís</i> , <i>mintira</i> , <i>pididu</i> , <i>vinti</i> , <i>sabi</i> , <i>nundi</i> , <i>ántis</i>	<b>não se regista ou é substituído pelo i</b> <i>di</i> , <i>noti</i> , <i>pidí</i> , <i>bistimenti</i> , <i>garandi</i> , <i>lifanti</i> , <i>tristi</i> , <i>metadi</i> , <i>lebi</i> , <i>sirbidor</i> , <i>binti</i> , <i>bistí</i> , <i>sorti</i> , <i>folgu</i> , <i>ripití</i> , <i>pirsisá</i> , <i>sirmoña</i>
[ʁ]	<b>g</b> <i>algen/argen</i> , <i>ningen/nungen</i> , <i>konsigi</i> , <i>géra</i> , <i>getu</i> , <i>tigri</i> , <i>grándi</i> , <i>pága</i> , <i>sigi</i>	<b>g</b> <i>algen</i> , <i>konsigí</i> , <i>niñen</i> , <i>garandi</i> , <i>sangi</i> , <i>pagá</i> , <i>folgu</i> , <i>pirgisosndadi</i>
[k]	<b>k</b> <i>pikinóti</i> , <i>kor</i> , <i>kalker</i> , <i>splika</i> , <i>ki</i> , <i>kré</i> , <i>ku</i> , <i>kel</i> , <i>fika</i> , <i>kétu</i> , <i>konta</i> , <i>karnéru</i> , <i>skodjeba</i> , <i>frásku</i> , <i>kada</i> , <i>kláru</i> ,	<b>k</b> <i>diskulpa</i> , <i>kel</i> , <i>kobra</i> , <i>kor</i> , <i>ki</i> , <i>kabá</i> , <i>karnedu</i> , <i>kaladu</i> , <i>korda</i> , <i>pikininu</i> , <i>mákina</i> , <i>koldadi</i> , <i>brinju</i> , <i>kantu</i> ,

grupo de ilhas e falta de resistência à linguagem computacional. O que se costuma criticar é a referida introdução de alguns sons ou regras de acentuação controversas e a tendência para o uso da variedade mesoletal que se pode observar no caso de alguns autores bilingues cuja língua escrita é o português.

<sup>17</sup> Mais sobre as propostas ortográficas para a Guiné-Bissau em Intumbo (2007).

<sup>18</sup> Posto que os exemplos citados são de carácter ilustrativo e a sua interpretação não depende do contexto, decidimos não incluir os números das páginas correspondentes. Caso o contexto seja importante, proporcionam-se todos os elementos necessários.

	<i>malkiriadésa, ken, kai, kétu, kinzi, riku, kóbra, nunka, mákina</i>	<i>ku, kére, pekador, kalkilus, kuntenti, kentá, klaru, boka, diskisi, kudí, Merka, seku</i>
semi-vogal [j]	<b>i</b> <i>jiografiá, diá, poziá, sirbintiá, bariá, stadiá, idiá, riá, Mariá, sériu, jibóia</i>	<b>y</b> <i>diya, kópiya, stóriyas, kriyadu, diyanti, kreyonjus, kayida, piyor, miliyon, yabrí, koytadi, Mariya, fiyansa, komboy, yagu</i>
[ɲ]	<b>nh</b> <i>sónhu, nha, stránhu, tamánhu, muntánha, kaminhu, dizenhu, spinhu, kunpanheru, galinha</i>	<b>ñ</b> <i>ña, suñu, tamañu, garandiñu, pañadu, kamiñu, bokadiñu, palmañaj, sipiña, burgoña, pañá, ñuñas, meduñu, strañu, galiña</i>
[R]	<b>r</b> <i>bariga, géra, Téra, garáfa, ránka, sigáru, mará-l, suri, ntoronpé-l, moreba, kóri, korenti</i>	<b>r</b> <i>bariga, tera, mará, riñká, koredu, fermenti, feru, koré, garafas, sigaru</i>
[s]	<b>s</b> <i>traduson, kabésa, puriso, kansásu, pása, parsé, sen mil, skesi, tirseru, grásas, nasesidádi, sinku, fórsa, komesa, spludi, sertésa, nogósi, rasosina, kongrésu, parsi, kumisiu, seu, kontisi, toseba, trósa, kasador, misa</i>	<b>s</b> <i>kabisa, a-sij, pursentason, konsé-l, balansá, pirsisá, pasensa, lemransas, sertu, fasi, rikesa, roson, pesá, kasa, sisigadu, nasí, kresé/kersé, risus, satu, Fransa, siñku, korson, basá, rasa, sertesa, kumsá, wonsa, pásturus, lisensa, sentu, justisa, kisá, sigaru, lens, garaseru, rosa, prasas, Nobu-Selanda, Rúsiya, Pasifik</i>
[ʃ]	<b>x</b> <i>dexa, xatia, káxa, sax ánu, báxu, xei, puxa, nbáxa, mexi, Xína, dixí, viáxi, grexa, fuxiba, gagixa, koráxu, feruxádu</i>	-
[tʃ]	<b>dígrafo tx</b> <i>bitxu, txapeu, fitxádu, ratxádu, mátxu, txeu, intxí, átxa, txiga, txon, tximiné, rótxa, txábi, txora, txoma</i>	<b>c</b> <i>cigá, comadu, cepeñ, ciw, ficadu, coñ, matá-bicu, cerá, corá, kacor-mañgi, cepeñ</i>
[z]	<b>z</b> <i>dizenhu, dezisti, dizértu, razulta, dizárma, peza, róza, izisti, abizába, vaidóza, razolbi, skizitu, rapoza, múzika, tizoru</i> <u>mas</u> : <i>rapasínhu, fasé/fasi, kása, tristésa</i>	-
[ʒ]	<b>j</b> <i>kurijidu, jiografiá, jibóia, surji/surjí, lonji, majina, viája, jeneral, jestinhu, tijolu, jinéla, pasajeru, imáji</i>	<b>j</b> <i>konsijá-m, kojé, tarbaju, judá, jugu, loñji, jorson, wojá, janela, paja, wojadu, konsiju, burmeju, fojas, fiju, kojé, juntu, wojá, jeneral, julgá, beju, judá, juju,</i>



		<i>guja, jelu, fiñjí, baruju, janelas, pasajus</i>
semi-vogal [w]	<b>u</b> <i>seu, lingua, txapeu, txeu, kuáji, aguaréla, aguenta</i>	<b>w</b> <i>wútur, friw, wojá, wobra, wora, ciw, wo, buwá, kwas, maw, gwardá, womi, sew, wombras, Dewus, womesmo, kwátur, fiw, wuru, wonsa, adewus, witu, riw, woreja</i>
acento circunflexo	<i>ruspondé-l, purguntá-s, panhá-m, és, atxá-u, buâ, atuâ, luâ, duê-m, jiografiâ, diâ, poziâ, sirbintiâ, bariâ, stadiâ, idiâ, riâ, Mariâ</i>	-
acento agudo	<i>átxa, más, grándi, fómi, éra, própi, pikinóti, didikatória, stória, kóbra, jibóia, ngulí-l, flába, é, lugár, náda, stréla, fódja, parénsia, dizértu, kétu, fílis, dispós, kré, áltu, planéta, kabésa, surjí-m, nómi, nhós, só, idádi, bá, óra, simé, pé, raís, pírGISós, bés, ánu, ráiba, pétala, kuátuséntus-i-korénta, ár, Diós, sirimónia</i>	<i>dimás, gó, falá, nogós, tené, pagá, podé, déntur, regwá, kudí, sakudí, bondés, dispús, biyás, té, wútur, konsijá-m, kére, kópiya, stóriyas, pirsís, girísiya, fusí, kwátur, kisá, sá, sintí, Ostráliya, Sibériya, Índiya, kilométer, rí, dá, talbés, añóo!, gatu-lagáriya, bóka/boka</i>
nasalização	<i>avíon, sen, opinión, nton, konplíkádu, ten, ben, lenbra, ténpu, senpri, ton, npurtánti, len, dimonstrason, nungen, nunbru, ponba, ónbru, npurtánti, tánbi, sinplís, ken, jardín, sin, pon, konboi, nen</i> <i>mas: kau, nau, mi, ómi, imáji</i>	<i>purdoŋ, boŋ, baŋ, a-siŋ, nuŋka, uŋ, tambeŋ, ŋgabamenti, fiŋ, niŋ, teŋ, algeŋ, beŋ, abiyon, niŋgeŋ, ŋgostá, briŋkadera, moŋ, korsoŋ, ŋuñas, garafon, ŋgabá, unsoŋ, siŋkwenta</i> <i>mas: naw, wordí, womi</i>

O registo escrito do crioulo de Ziguinchor parece não seguir uma versão única do alfabeto pois, no nosso texto, os traços que o assemelham ao alfabeto aceite em Cabo Verde entrelaçam-se com os do Alfabeto Internacional Africano, antigamente defendido pelo IAI (*International African Institute*) e seguido pelas propostas do Alfabeto Africano de Referência<sup>19</sup>. Estamos a pensar aqui, sobretudo, no grafema *ŋ* que corresponde ao som velar nasal ou no grafema *w* que representa uma semivogal anterior. Nas palavras de origem portuguesa, o *ŋ* ocorre nos grupos consonantais *ŋk* e *ŋg* e na posição final. Deste modo, as vogais nasais e os ditongos portugueses, em posição final, muitas vezes se transformam no grupo *-Vŋ*

<sup>19</sup> O Alfabeto Internacional Africano foi elaborado em 1928, em Londres, por um grupo de cientistas do IAI presidido pelo linguista Diedrich Westermann. O seu objetivo era unificar a escrita de todas as línguas africanas. Com muito poucas divergências, baseava-se no Alfabeto Fonético Internacional. As discussões que provocou levaram à formação, em 1978, do Alfabeto Africano de Referência, um sistema fonémico proposto numa conferência da UNESCO e revisto em 1982.

(Wilson 1962: 9, 12). O *w*, por sua vez, encontra-se, sobretudo, na posição final e na inicial, neste caso frequentemente precedendo a vogal *o* ou os ditongos *ou* e *oi*. O alfabeto cabo-verdiano carece dos referidos grafemas.

Além disso, comparando os dois sistemas, observamos que em Cabo Verde o *b* tem maior número de ocorrências do que o *v*<sup>20</sup>, enquanto em Ziguinchor o *b* substitui o *v* em todas as posições. A consoante lateral palatal [ʎ] portuguesa desenvolveu-se etimologicamente em [dʒ], representado pelo dígrafo *dj*, em Cabo Verde, e em [ʒ], representado pelo grafema *j*, em Ziguinchor. As representações ortográficas dos fonemas [ə], [ɾ], [k], [R] e [ʒ] são analógicas nos dois sistemas. Os fonemas [ɲ] e [tʃ] são grafados de uma maneira diferente em Cabo Verde e Ziguinchor: como *nh/ñ* e *tx/c*, respetivamente. O grafema *s* corresponde em Cabo Verde à consoante fricativa linguodental surda dos étimos portugueses. Em Ziguinchor, o mesmo grafema, e o fonema [s], passam a representar também os sons etimologicamente portugueses [ʃ] e [z]. A nasalidade é marcada nos dois casos pelo *n*, dispondo a grafia de Ziguinchor de um som velar nasal e o correspondente grafema *ɲ* adicionais. Observam-se exceções analógicas. O fechamento vocálico é indicado em Cabo Verde com o acento circunflexo, inexistente na grafia de Ziguinchor. Os usos comuns do acento agudo são: a marcação da abertura vocálica, da vogal final das formas verbais e da vogal tónica das palavras proparoxítonas.

### 3.2. Algumas características morfossintáticas<sup>21</sup>

O objetivo desta parte do nosso trabalho é duplo: pretendemos apresentar os traços morfossintáticos dos dois crioulos em questão realizando, ao mesmo tempo, um estudo contrastivo que nos permita observar as similitudes e as divergências entre os dois sistemas. Por dispormos de um espaço limitado, encontramos-nos obrigados a escolher um grupo de características mais representativas e que de melhor forma correspondam ao nosso objetivo. Sendo o *corpus* de exemplos bastante desenvolvido, pela mesma razão, vamos ilustrar cada característica apenas com alguns contextos mais interessantes.

1. ★ A marcação do **género** não é funcional, não há rigor na concordância do género, as suas marcas não são atualizadas com a mesma frequência e ocorrência como no português. Os adjetivos costumam ser invariáveis e derivados da forma masculina:

<sup>20</sup> Cf. Veiga (2000a: 36): Verifica-se uma maior presença do *v* nas variantes com mais contacto com o português, em empréstimos mais recentes ou termos científicos, nos meios urbanos e nos idioletos dos estudantes. No entanto, para unificar o sistema, aconselha-se o uso do *b*.

<sup>21</sup> Cf. Santos (2000: 178–187), Swolkien (2015: 116–258).

**Prispínhu (Cabo Verde):** *poku paxénxa; purmeru bés; omésmu kusa; lingua berdiánu; stória bibedu; dós bés; algun kusa; un vós finu; un purgunta; kusa sériu; nh'amigu rapoza; mas: bon diâ / bo noti | buâvida;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *kasa bonitu; flor fraku; ultimu biyás; stóriyas ki matidu; dos biyás; algun kusan; uñ fala siñu strañu; mas: bondés / bosnoti.*

2. ★ Perda parcial das oposições de **número**. Diferentes maneiras da sua marcação (por exemplo: numeral, pronome, coletivo ou, simplesmente, o contexto). Casos isolados de adequação ao padrão português:

**Prispínhu (Cabo Verde):** *dós bés; tudo kes planéta; sen mil kontu; sax ánu; munti-milion di ánu; ses vulkon; sinku minotu; fika kétu ku kunpanheru 'calaram-se os dois'; sen mil otu rapasínhu; tudu kusa; tudu kel diskulpa; kel dós uniku dizenhu; kel un o dós kusa; subi ónbru; ses spinhu; ês fika kétu ku kunpanheru; un jardin florádu ku róza; sen mil otu rapoza; mas: gentis; diâs-i-diâ; kusas do mátu; ta skrebeba libru mutu grós;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *sis anu; dos des kuntu; ña fermenti tudu; trinta minutu; librus gros/ tudu libru; kel dos pintadora; e kalá boka yelus dos; mas: pintadoras, kreyonjus, risus, nerbus, gintis diyas-diyas, prasas ku riwus ku montis ku marus; miliyon anus, kusanjus tudu; kel diskulpas tudu; stóriyas ki matidu; balansá wombras; si sipiñas; ta sikerbé ban librus gros; florus di rosa.*

3. ★ Inexistência do *artigo definido*. Determinação do substantivo por um demonstrativo. Uso dos artigos indefinidos com a prevalência da forma masculina:

**Prispínhu (Cabo Verde):** *nha midjor amigu; un bés; kel dizenhu; dizenhu ta mostrába un kóbra jibóia; kuáji tudu mundu; na mei di már; prispínhu suri; munti di riâ na lus di luâ;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *ña amigu ki má garandi; kel pintadora; kel pintadora ta mostrá ban kobra ransegu; kwas na tudu ladu di mundu; na metadi di mar; rey siñu muní-muní; maronjus di reya na klarensa di luña.*

4. ★ Ausência da **flexão verbal** e a resultante **impossibilidade de omissão do sujeito**<sup>22</sup>. Os verbos reduzem-se a uma forma invariável (infinitivo com apócope do *-r*), com exceção dos verbos *ter*, *vir* e *ir*. Ressalta a importância dos marcadores: auxiliares e morfemas que marcam as relações de TMA (os crioulos são umas línguas fortemente aspetuais)<sup>23</sup>:

<sup>22</sup> Mais informações sobre os pronomes de sujeito e as suas formas enfáticas e não-enfáticas em Alkmim (1984: 47).

<sup>23</sup> Alkmim (1984: 33-45) distingue duas categorias dentro do sistema verbal do crioulo de Ziguinchor: construções baseadas no emprego de morfemas (formas dependentes) e construções baseadas no emprego de auxiliares (formas livres), como *i ta kume* 'ele come habitualmente' e *i kumisa ciga* 'ele acabou de chegar', respetivamente. Os morfemas dividem-se, por sua vez, em antepostos (aspetuais: *ta-*, *na-*), pospostos (temporal: *-ba*), circunpostos ao verbo (*ta-...-ba*; *na-...-ba*) e o morfema zero (aspeto perfetivo). Além disso, observa-se uma tendência a certos grupos de verbos não aparecerem com morfemas aspetuais, como, por exemplo, verbos que exprimem sentimentos, conhecimento ou opinião. Santos (*apud* Alkmim 1984: 49) aponta dois tipos de

**Prispinhu (Cabo Verde):** *N didika; N teni; N teneba; ta ntendi; sta morádu; nós é poku ki ta lenbra; rabentába-mi algun kusa; kusa é stránhu dimás; N sabi faseba; N kreba; dj-e durmi; da-m kustu pa ntendi d'undi k-e benba; e podi bá senpri; N gostába di komesába; un prispinhu ki ta bibeba; sukuru dja fitxába; ta parseba bunitu; nós tudu ta kabeba na djeu más pikinóti; stréla ta limia só pa kada un di nós podi sarta ku di sel un diá; N sata pensába ma N teneba un flor k'éra só un ki teneba; nu sat'en móri di sedi; águ podi ser bon; dja N mo-djába-el funti, dja N dába-el di bebi;*

**Rey Siñu (Ziguinchor)<sup>24</sup>:** *N partí; N tené; N tené ban; ta ntendé; k-i morá; puku di yelus ta lembrá; alguñ kusan rebentá ban; N sebé ban pintá; N mesté-l ban; i durmí jan; i dá-m ciw tempu ntendé di nundé k-i beñ ban; i podé bay sempri; N ngostá ban pa kumsá; rey siñu ki morá ban; sol noti ban jan; N mesté sebé nos stileras nimiyadu pa tudu algen podé kontá ku di sol un diya; N na kumsá ntendé; di li ku mbokadu no na komí ku sedi di yagu; N mojá-l ban tampus di si worejas, i kabá, N bebenté-l ban; N ka na disá-bu mas.*

##### 5. ★ Inexistência de formas verbais para indicar o **conjuntivo**:

**Prispinhu (Cabo Verde):** *libru ta flába ma; nhós majina 'imagineim'; sima k-e sata pidi un kusa; N ben lenbra ma N studába só jiografiá; s-u konporta dretu, tánbi N ta da-u kórda; ten txeu kusa ki ta po-m diskunfia ma planéta d'undi ki Prispinhu benba, m'éra astiróidi B16; N ál sata fika sima algen grándi; si N ordena un jeneral pa buá di flor en flor sima barbuléta [...] k-e ka kunpri órdi k-e dádu, ken k'é kulpádu?; si nu pánha kel dós milion di argen ki ten na Téra [...], ês ta kanbába avontádi na un prása [...]; ês ta átxa m-ês ta okupa txeu spásu; e ta fikába mutu burgonhádu s-e stába li; kel k-u kré (o que quiser); N ka kreba p-e faseba sforsu;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *e ta falá ban mas; bo ka podé sebé 'imagineim'; suma i na pidí-m un kusan; kisá ku N má siná ban i kumá ku tera kompodu; si bu sisigá diritu, N na dá bu tambeñ korda; talbés, N yar sedi suma gintis garandi; si N ta dá ban jeneral wordi pa o bata buwá-buwá di un flor pa wútur suma kapelimpel [...] ma si jeneral negá wobí ban wordi ku N pidí-l ban, keñ di nos dos ki na tené kulpa?; si kel dos miliyar di pekador ki morá na Tera ta sikidu ban [...], e ta kebé ban siñ manera na mantabá [...]; ña flor sa sintí ban*

---

conjugação verbal: com auxiliares, inspirada no modelo português; e sem auxiliares, comparável aos sistemas verbais das línguas africanas.

<sup>24</sup> Cf. A marcação aspetual no crioulo guineense referida, por exemplo, em Pinto Bull (1989: 315–322) e Wilson (1962: 22): Os monemas aspetuais são os seguintes: *na* (progressivo, sem referência ao tempo em que decorre a ação, também como locativo): *i na durmi* 'ele esteve/estava/está/estará a dormir', *i sta na kasa* 'ele está em casa'; *dja* (ação passada que continua no presente) e *aonti* (para indicar o pretérito): *i cume aonti* 'ele comeu ontem', *N cume dja* 'eu tenho comido, acabei de comer', *i bai dja* 'ele foi e está ausente'; *ta* (um futuro menos iminente, um habitual, um progressivo após um auxiliar verbal ou uma condicional): *i ta bin* 'ele vem agora ou no futuro', *i kunsá ta tchora* 'começou a chorar', *i ta tchora tudu dia* 'ele chora todos os dias'; *ba* (indica uma ação que aconteceu antes da maioria das ações do contexto): *i bin ba* 'ele veio, tinha vindo'; monema zero (presente, pretérito perfeito): *i sibi* 'ele sabe, soube', *bú bin* 'vens, vieste'.

*burgoña s-i wojá baj es; bu ta fasí kisá ki sabi-bo ku yel; talbés niñ i ka cigá di biskadu; ka bu beñ.*

**6. ★ Reduplicação**, muitas vezes com traços onomatopaicos, que sugere origem ou influência africana e tem, na maioria dos casos, função enfática:

**Prispinhu (Cabo Verde):** *poku-poku; senpri-senpri; N bibi ánus más ánus;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *kelora-kelora* (imediatamente); *mbokadu-mbokadu* (pouco a pouco); *siñ perá-perá* (sem rodeios); *santadu-santadu* (lentamente); *ta kompó-kompó si fojas unsoñ-unsoñ* (uma por uma); *baj diyas-diyas; pertu-pertu; lestu-lestu* (depressa).

**7. ★ Marcador pré-verbal de negação ka<sup>25</sup>. Negação dupla:**

**Prispinhu (Cabo Verde):** *ka txiga; ka teneba nád'aver ku txapeu; ka ta ntendi náda; N ka teneba nun mekániku nen pasajeru; ka ta da pa fla nau; ke-li ka náda; a-li nunka ka ta pása nungen;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *ka cigá; ka tené baj nada ku cepeñ; ka ta ntendé nunka nada; N ka tené baj ku mi niñ kompodor, niñ pasaju; no ka podé negá; kella i ka nada; niñgeñ ka ta pasá li nunka.*

**8. ★ Elipse da preposição**, contração, emprego facultativo ou usos atípicos. Observa-se o uso da preposição uniforme *na* quando não se expressa a ideia de movimento:

**Prispinhu (Cabo Verde):** *torna fla; purizénpu; parmanhan; e fla flor; N prendi giá avion; kel rapasinh ki surji nha frenti; di fabor, fasê-m karnéru; e nbáxa kabésa na dizenhu; e odjádu na teleskópi; nen tud'algen ka txiga di ten un amigu; tudu kel ki ta parsi si frenti; Prispinhu torna ntoronpê-m; e dizáta na txora; vaidós purgunta prispinhu; e xinti gána-djuda si amigu; e kuntina ta pensa; N komesa ta páanha; dj-e pása ta ser uniku na mundu; N diskési kórda; mas: *diferenti di tudu; mi é rusponsávi di nha róza;**

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *palmañaj; kumsá na kansá-l; rey siñu falá flor; N siná korenté abiyon; i puntá rey siñu; rey siñu sintí gana pa judá baj; N na kumsá ntendé; i ka tudu algen ki cigá di tené amigu; kisá ku N debé di fasí gó?; ma i ka rispondé ña pulguntu; mas: *bu ka pirsísá di ñútur; N diskísí na di burní la korda siñu di kuru; kel rapás siñu ki sey siñ na ña diyanti; i mpiná kabisa na pintadora.**

**9. ★ Reduplicação e contração de pronomes e determinantes:**

**Prispinhu (Cabo Verde):** *puriso; kel-li / ke-li; kel-la; a-mi N kré; kel kusa-li; a-bo bu ben di seu; p-undi; p-e 'para ele'; kel astiróidi-li; kel muméntu-li; bu gosta d-el; alê-l-li; algen ki pensa n-el é mi;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *es-li; kella-la; e kusañ-li; a-bo bu beñ di sew; kel wora-la.*

<sup>25</sup> Cf. Santos (2000: 178): De acordo com a autora, a etimologia que se propõe para este morfema (nunca > *ka*) é pouco provável, pois na evolução natural de línguas não se observa a queda da sílaba tónica.

10. ★ Padrão reduzido dos **pronomes de complementos direto e indireto**. Ênclise dos complementos que não são regidos de preposição. O complemento direto coloca-se depois do verbo, se não há outros complementos; o complemento indireto coloca-se depois do verbo e antes do complemento direto:

**Prispinhu (Cabo Verde):** *djudá-nu; ta ngulí-l; fla-m; ta splika tudu pa ês; sirbí-m; N konxê-s própi; sima ki alánpra panhâm; N purguntá-l; k'intxí-m di ráiba; odjá-l; papiá-s; fla-nhós; purgunta-nhós; kusa ki ta parseba-el mutu feiu; N barsâ-l; N fasê-l sónu; N fla-l; N ta pidi-nhó pa nhu purdá-m; só pa N tenh-ês; pa kumprá wútur stileras si algej tené-lus; N ta dimistrá-s; N podi po-l na bânku; si bu furtá-s-el, ês ta txora; xa-m obí-u ta ri; N podi mostrá-u-l;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *judá-nos; ta wungulí-l; konsijá-m; bata dislind-elus tudu; sirbí-m; N woj-elus di pertu própi; N puntá-l; woj-elus; wojá-l; papiy-elus; falá-bos; puntá-bos; purdá-m-yel; uñ kusan ki ta parsí-l baj mutu fiw dimás; N kargá-l; N falá-l; a-mi N ta topotí-lus; N podé rakad-elus na banju; wora k-e rob-elus-yel, e ta corá; N mesté mas wobí-bu bu na rí.*

11. ★ Padrão reduzido dos **determinantes possessivos**:

**Prispinhu (Cabo Verde):** *nha lápiz di kor; nha dizenhu, nha óbra; bu moráda; di meu; si pobu; si pai; ses spinhu; sigáru di nhó;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *ña pintadora; ña wobra; bu moransa; di-miwus; si jorsonj; si papé; si sipiñas; bu sigaru.*

12. ★ Falta dos **pronomes reflexos**. Outras estratégias de marcação da reflexividade (por exemplo, as palavras *kabésa / kabisa* e *sintidu*):

**Prispinhu (Cabo Verde):** *N po kabésa na 'dedico-me'; bu ri di bu kabésa 'riste de ti mesmo'; N sata flába nha kabésa; galinha ta parsi tudu ku kunpanheru 'todas as galinhas se parecem'; nhós purgunta nhós kabésa;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *N pí sintidu na 'dedico-me'; bu rí bu kabisa 'riste de ti mesmo'; N na falá baj déntur di mi; i falá mas na si sintidu; N ta kudá déntur di ña sintidu, N ta falá.*

13. ★ Importação do paradigma português de **advérbios**, com modificações fonéticas e casos de aglutinação:

**Prispinhu (Cabo Verde):** *nfilismenti; lonji; más midjor; más pior; un parmanhan; dibagár; nunka; difisi;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *loñji; mas diritu; uñ diya na dipalmañaj; déntur di; talbés.*

14. ★ Falta de **nexos** de coordenação e subordinação. O morfema **ku** como partícula de coordenação sintática:

**Prispinhu (Cabo Verde):** *jiografiá ku stória ku matimátika ku régra di lingua; di pulítika ku grávata; bon sta kláru ma dizenhu ka bunitu; jibóia ku bariga ratxádu ku jibóia ku bariga fitxádu; E djobi ku tud'atenson, e fla; sugundu bés dja pása ónzi ánu, ramatizmu ki atakâ-m; N podi panhá-l N bá ku el; mas: a-mi gó N ten flor ki N ta regâ-l tudu diâ; N ta sendi N ta pága un bés*

*pa minotu; kontisi gó ki prispinhu [...] e da ku un stráda; N ka ta átxa manera di sabi ki óra ki N ta konpu nha korason;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *siná kumá ku tera kompodu, ku stóriya, ku kalkil ku manera ku liñgu ta yendá tambeñ; di politik ku di garbata; ma i klaru, ña pintadora ka bonitu; ransegu ku bariga ficadu ku kelus ku bariga yabridu; i tomá si tempu, i jobé diritu, i falá; kel di dos, i teñ jañ gósij des anu ku unsoñ, i ña morsedora ki na kansá-m bañ; N podé pañá ña flor N lebá-l; a-mi N tené flor ku N ta regwá tudu diya; N ta sendenté N pagá soñ, uñ biyás di kada minutu; mas: i cigá gó uñ diya k-i beñ wojá strada; N ka na sebé nunka na kal wora ku N na pruntiyá ña korsoñ.*

**15. ★ Construções impessoais com as formas do participio:**

**Prispinhu (Cabo Verde):** *fládu m'é ton bunitu; só kel ki mansádu ki ta kon-xedu 'só se conhecem bem as coisas domesticadas';*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *não se observou nenhum caso no nosso corpus.*

**16. ★ Uso do verbo *ter* em vez de *haver*:**

**Prispinhu (Cabo Verde):** *dja ten sax ánu ki nh'amigu dja bá; dja ten txeu ténpu; purmeru bés dja ten vinti-dós ánu; dja ten un més ki nu sta li ta papia; teneba sinku mil tud'igual déntu d'un jardin; la ten kasador;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *kel di purmedu i teñ jañ gósij binti anu ku dos; i tené montiyador; a-li i tené bañ siñku mil [...] na déntur di unsoñ wortu soñ.*

**17. ★ O diminutivo aparece com bastante frequência introduzindo um valor afetivo:**

**Prispinhu (Cabo Verde):** *pikinotinho / pikinotxitxu; pesinho; rapasinho; kusinha; linpinhu; papelinhu; padasinho, dibagarsinho; rodondinho; barudjinhuh; lusinho; sininho;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *garandiñu; pikininu; bokadiñu; karnedu siñu; rey siñu; kusajus siñu.*

**18. ★ Omissão do verbo de ligação no predicado nominal:**

**Prispinhu (Cabo Verde):** *N ka kulpádu; e odjádu na teleskópi; algen grándi si ki fetu; mi senpri mudu-mudu; mas: a-mi N sta xei di tristésa;*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *flor fraku; kumá ku tera kompodu; cigá di wojadu; a-mi N sertu; a-mi i gatu-lagáriya; yagu podé boñ pa korsoñ.*

### 3.3. Léxico

Devido à enorme riqueza do léxico do nosso *corpus*, tanto etimológica como semântica, e ao tamanho reduzido do presente trabalho, decidimos comentar apenas alguns casos que nos pareciam os mais interessantes, criando, assim, um ponto de partida para uma investigação posterior:

**Prispinhu (Cabo Verde):** *Diós ki djuda 'felizmente'; kalbisera 'baobá'; kanbár di sol 'pôr do sol'; kebra-djundjun 'pequeno-almoço'; kodrádu-kodrádu 'xadrez'; kel trabadjador ki ta puxa labánka pa bira kaminhu di konboi 'manobreiro';*

**Rey Siñu (Ziguinchor):** *purdá-m* 'por favor, com licença'; *kumá ku tera kompodu* 'geografia'; *mákina di jobé stilera* 'telescópio'; *mundu siñu* 'asteroide'; *dewus-o-dewus* 'felizmente'; *kreyonjus* 'lápis de cor'; *pé di kabasera* 'baobá'; *kayida di sol* 'pôr do sol'; *koytadi* 'infelizmente'; *korsoj pretu* 'ran-cor'; *matá-bicu* 'pequeno-almoço'; *leŋga-leŋga* 'problema'; *bapor* 'navio'; *peka-dorus* 'pessoas/ alguém'; *pa galiña branķu pasá-bu diyanti* 'adeus'; *kuntubabo* 'trigo'; *kel trabajador ki ta jundá kel manģa pa torkiyá kamiñu di komboy* 'manobreiro'.

A título de conclusão, observemos os resultados da comparação efetuada tendo como base os exemplos do nosso *corpus*. É preciso assinalar que o nosso estudo não é de forma alguma exaustivo e não constitui uma descrição completa dos dois sistemas. Pretendemos apenas indicar alguns traços mais representativos que possam ser aproveitados numa análise mais desenvolvida.

Nos dois crioulos não há rigor na concordância do género; aliás, não se segue o padrão português, sendo o género masculino prevalecente, tanto no caso dos substantivos como no dos adjetivos. Os decalques da estrutura do português são mais frequentes nos meios urbanos, como efeito do processo de descrioulização, o que não se observou nos nossos exemplos. O único caso de variação registado é o caso do adjetivo *bom*.

Tanto em Cabo Verde como em Ziguinchor, realiza-se uma perda parcial das oposições de número, já que o plural costuma ser marcado por meio de um numeral, um pronome, um coletivo ou, simplesmente, pelo contexto. Casos de adequação ao padrão português observam-se com maior frequência no crioulo de Ziguinchor.

A inexistência do artigo definido é típica para os dois sistemas, sendo a substituição pelo artigo indefinido na sua forma masculina mais frequente no *corpus* cabo-verdiano. O substantivo é muitas vezes determinado por um demonstrativo.

Observa-se a analógica ausência da flexão verbal e a resultante impossibilidade de omissão do sujeito. Os verbos reduzem-se a uma forma invariável, com poucas exceções acima mencionadas. Ressaltam os respetivos sistemas de auxiliares e morfemas que marcam as relações de TMA, sendo o paradigma do conjuntivo inexistente. Nos dois crioulos, observa-se, por exemplo, o morfema zero como marcador do aspeto perfetivo e o auxiliar *ta* como marcador de aspeto imperfetivo, indicando, muitas vezes, repetição. O auxiliar modal *ma* introduz orações que expressam situações factuais e *al* é equivalente no sistema cabo-verdiano a *haver de* em enunciados hipotéticos.

O fenómeno de reduplicação encontra-se nas duas línguas, marcando ênfase na maioria dos casos. No nosso *corpus* encontrámos mais exemplos de reduplicação no crioulo de Ziguinchor. Os processos de negação dupla e de emprego do marcador de negação *ka* na posição pré-verbal parecem realizar-se com a mesma frequência nas duas línguas, assim como os câmbios no sistema preposicional, ou seja, elipse, contração, emprego facultativa-



tivo ou usos atípicos relativamente ao sistema português. No entanto, não são raros os casos de adequação ao sistema da língua-base.

No que se refere ao sistema pronominal, analisando o nosso *corpus*, foi possível constatar que em ambas as línguas se realizam os processos de reduplicação e contração de pronomes, sendo esta possível tanto com advérbios de lugar, como com preposições e nomes. Observam-se padrões reduzidos dos pronomes dos complementos direto e indireto e dos determinantes possessivos: no caso dos primeiros, é típica a posição enclítica e, no caso dos segundos, a falta de concordância em género e em número com o elemento determinado (como, por exemplo, na forma *ses spinhu* na qual o plural é marcado por meio do determinante, já que o nome não leva esta marca). Finalmente, nas duas línguas ressalta a falta dos pronomes reflexos e semelhantes estratégias de marcação da reflexividade (como as palavras *kabésa / kabisa* e *sintidu*).

Exceto uns casos específicos de criação de novas palavras, por exemplo no processo de reduplicação, como acontece com *kelora-kelora* ‘imediatamente’ ou *santadu-santadu* ‘lentamente’, o paradigma português de advérbios é importado, com algumas modificações fonéticas e casos de aglutinação.

As orações coordenadas e subordinadas caracterizam-se, com poucas exceções no caso da subordinação, pela falta de nexos e pelo facto de o verbo de ligação costumar ser omitido no predicado nominal. O morfema *ku* desempenha, nos dois crioulos, o papel de partícula de coordenação sintática. A substituição do verbo *haver* pelo verbo *ter* é um fenómeno presente nas duas realidades linguísticas.

No crioulo de Cabo Verde registamos as formas do participio como uma das maneiras de formar construções impessoais. Além disso, ressalta o uso frequente das formas do diminutivo que, no entanto, pode ser resultado da especificidade da obra.

Quanto ao léxico, os exemplos mais interessantes do nosso ponto de vista são as expressões que de uma forma descritiva se referem a uma realidade anteriormente desconhecida, como *kumá ku tera kompodu* ‘geografia’ ou *kodrádu-kodrádu* ‘xadrez’, e as expressões relacionadas com as crenças populares, como *pa galiña branju pasá-bu diyanti* para se despedir e desejar um bom caminho. Além disso, abundam, obviamente, vocábulos de origem portuguesa, como *koytadi* ou *kayida di sol*, ou de origem francesa, como *kreyonjus*, adotados diretamente ou através do português.

O *corpus* de exemplos recolhidos dos dois textos é muito rico e ainda nos ficam vários casos por comentar e analisar sob ponto de vista linguístico. Terminando este trabalho, esperamos ter traçado uma imagem geral das semelhanças e diferenças entre os dois crioulos e poder contribuir, no futuro, com estudos mais desenvolvidos sobre o mesmo tema.

### Bibliografia ativa

- SAINT-EXUPÉRY de Antoine (2013): *Prispinhu*, Neckarsteinach: Edition Tintenfass.  
 SAINT-EXUPÉRY de Antoine (2015): *Rey Síñu*, Neckarsteinach: Edition Tintenfass.

### Bibliografia passiva

- ALEXANDRE Pierre (1972): *An introduction to languages and language in Africa*, London: Heinemann.
- ALKMIM Tania (1984): Alguns aspectos do sistema verbal do crioulo português do Ziguinchor (Senegal), (in:) *Estudos portugueses e africanos*, n.o 3, João Wanderley Geraldi (coord.), Campinas: UNICAMP, 31-54.
- ALMADA DUARTE Dulce (2003): *Bilinguismo ou diglossia?*, Mindelo: Spleen Edições.
- BIAGUI Noël-Bernard (2010): *El criollo casamancés*, <http://www.sorosoro.org/es/el-criollo-casamances> (14.01.2016).
- CURTIN Philip et al. (2003): *Historia Afryki*, trad. pol. Marek Jannasz, Gdańsk: Wyd. Marabut.
- CZOPEK Natalia (2007): O crioulo das Ilhas do Barlavento como um exemplo de abertura à criouliização do português, *Romanica Cracoviensia* 7: 23-30.
- CZOPEK Natalia (2012): Implantação da língua portuguesa em África e formação da realidade linguística da Guiné-Bissau, (in:) *Identidades Revisitadas, Identidades Reinventadas – transformações dos espaços sociais, políticos e culturais nos países de língua oficial portuguesa*, Renata Diaz-Szmidt (ed.), Warszawa: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW & Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 256-274.
- CZOPEK Natalia (2014): As influências linguísticas portuguesas em África fora das fronteiras dos PALOP, *Studia Iberystyczne* 13: 327-342.
- CZOPEK Natalia (2016a): De uma língua oral sem escrita à escrita de uma língua oral – o caso do crioulo cabo-verdiano das ilhas do Barlavento e Sotavento, (in:) *Études Romanes de Brno 37/1 ((E)mi-grações, transferências, exílio: mestiçagens e dinâmicas da cidade)*, Ivo Buzek et al. (reds.), Brno: Universidade Masaryk, 11-26.
- CZOPEK Natalia (2016b): Na bôka noti de Tomé Varela da Silva como reflexo de uma das propostas de padronização ortográfica do crioulo cabo-verdiano, (in:) *Língua portuguesa: unidade na diversidade*, Barbara Hlibowicka-Węglarz, Edyta Jabłonka, Justyna Wiśniewska (eds.), Lublin: UMCS, 135-149.
- CZOPEK Natalia (2017): O basileto crioulo das ilhas de Cabo Verde no romance Odju d'agu de Manuel Veiga, (in:) *De volta ao futuro da língua portuguesa: Atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, Gian Luigi de Rosa, Katia Chulata de Abreu (eds.), Lecce: Università del Salento, 185-201.
- GONÇALVES Adelto (2006): Casamansa, um grito de liberdade sufocado, *Revista Fórum* 39: 42-43.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ Barbara (2013): *Portugalskie języki kreolskie w Afryce*, Lublin: Wyd. UMCS.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ Barbara (2016): A situação atual dos crioulos de base lexical portuguesa na região da Alta Guiné, (in:) *Língua portuguesa na Europa Central: estudos e perspectivas*, Joaquim Ramos, Šarka Grauová, Jaroslava Jindrová (eds.), Praga: Karolinum Press, 274-283.
- HONÓRIO DO COUTO Hildo (1992): Lançados, grumetes e a origem do crioulo português no noroeste africano, (in:) *Atas do Colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*, Ernesto D'Andrade, Alain Kihm (eds.), Lisboa: Colibri, 109-122.

- INTUMBO Incanha (2007): *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português* (tese de mestrado), [http://www.uc.pt/creolistics/research/guine/intumbo\\_2007](http://www.uc.pt/creolistics/research/guine/intumbo_2007) (07.03.2016).
- PEREIRA Dulce (2006): *Crioulos de base portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- PERL Matthias (1982): Acerca de alguns aspetos históricos do português crioulo em África, *Biblos* 58: 1–12.
- PINTO BULL Benjamin (1989): *O Português, presente nas estruturas gramaticais do crioulo da Guiné-Bissau*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- ROUGÉ Jean-Louis (2004): *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*, Paris : Karthala.
- SANTOS Rosine (2000): Relações entre o crioulo e as línguas africanas, (in:) *I.o Colóquio Linguístico Sobre o Crioulo de Cabo Verde*, Manuel Veiga (org.), Mindelo: INIC, 167–187.
- SCANTAMBURLO Luigi (1999): *Dicionário do Guineense: Introdução e notas gramaticais*, vol. 1, Lisboa: Colibri.
- SOARES Maria João (1996): *Os lançados nos contactos euro-africanos nos rios da Guiné: século XVI – meados do século XVIII*, Lisboa: ICT.
- SWOLKIEN Dominika (2015): *The Cape Verdean Creole of São Vicente: its genesis and structure*, Coimbra: UC.
- s.a., Casamansa: a ex-colónia portuguesa que luta pela independência, <http://ncultura.pt/casamansa-a-ex-colonia-portuguesa-que-luta-pela-independencia> (25.02.2016).
- VEIGA Manuel (org.) (2000): *I.o Colóquio Linguístico Sobre o Crioulo de Cabo Verde*, Mindelo: INIC.
- WILSON William Andre Auquier (1962): *The Crioulo of Guiné*, Johannesburg: Witwatersrand University Press.

### Résumé

Langues créoles à base lexicale portugaise, parlées en République du Cap-Vert et dans la ville de Ziguinchor (Sénégal) : étude contrastive

Dans la présente étude, nous faisons une analyse contrastive de deux langues créoles à base lexicale portugaise, parlées en République du Cap-Vert et dans la ville de Ziguinchor, capitale de la province sénégalaise Casamance. Nous donnons une brève description de leur genèse et de leur évolution, en montrant des ressemblances et des causes possibles de différences, également aux niveaux social et politique. Cependant, le fil conducteur de notre analyse est la comparaison de l'orthographe, de la morpho-syntaxe et du lexique de ces langues, ce qui part de la théorie de leur ressemblance génétique. Pour présenter nos exemples dans des contextes analogiques, nous avons choisi le corpus du texte du *Petit Prince* d'Antoine'a de Saint-Exupéry, traduit vers les langues analysées.

### Summary

Portuguese-based creole languages from Cape Verde and Ziguinchor (Senegal): contrastive study

With this work we intend to conduct a contrastive study of two Portuguese-based creole languages: Creole of Cape Verde and of Ziguinchor, the capital city of the Casamance province in Senegal. We try to present a brief description of its genesis and evolution, indicating the similarities and the possible reasons for the differences, also on a social and political level. The main axis of our analysis will be, however, a com-

parison of spelling, morphosyntactic and lexical features of the two creoles, taking as a basis the theory of their genetic similarity. In order to observe the examples in analogical contexts, we have chosen as our *corpus* the respective translations of the work of Antoine de Saint-Exupéry, *Le Petit Prince* (*The Little Prince*).

### Streszczenie

Języki kreolskie na bazie portugalskiego używane w Republice Zielonego Przylądka i w mieście Ziguinchor (Senegal): studium porównawcze

W niniejszej pracy przeprowadzamy analizę porównawczą dwóch języków kreolskich na bazie portugalskiego używanych w Republice Zielonego Przylądka i w mieście Ziguinchor, stolicy senegalskiej prowincji Casamance. Przedstawiamy krótki opis ich genezy i ewolucji, wskazując na podobieństwa i możliwe przyczyny różnic, także na poziomie społecznym i politycznym. Główną osią naszej analizy jest jednak porównanie pisowni, morfoskładni i leksyki wspomnianych języków, opierając się na teorii ich podobieństwa genetycznego. W celu zaprezentowania przykładów w analogicznych kontekstach, wybraliśmy jako nasz korpus tłumaczenia na analizowane języki kreolskie dzieła Antoine'a de Saint-Exupéry'ego *Le Petit Prince* (*Mały Książę*).

